

Cerimónias do 93.º Aniversário do Dia do Armistício, 88.º Aniversário do Dia da Liga dos Combatentes e 37.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar – 2011

Hoje evocamos dois momentos de paz e comemoramos um momento de nascimento. Nestes momentos, procurando a reflexão e o isolamento do mundo que nos rodeia, é possível, como foi sempre ao longo do último século, a Liga dos Combatentes, quer em tempo de guerra, tempo de paz, ou tempo de crise, trazer à memória de todos, o enaltecimento dos momentos mais significativos da nossa História e testemunhar os momentos que por nós próprios foram e são vividos.

Honrando os que caíram, procurando dignificar os que vivem.

Dois momentos de Paz que estão na génese da nossa própria existência como Instituição: 11 de Novembro de 1918 e 25 de Abril de 1974. Evocamos hoje o 93.º aniversário do Armistício e o 37.º Aniversário do fim da Guerra do Ultramar. Um momento de nascimento. O da fundação da Liga dos Combatentes a 16 de Outubro de 1923, como instituição patriótica e humanitária, pelo que comemoramos, no ano corrente, o seu 88.º aniversário. Esta evocação de momentos de retomada da paz após um esforço hercúleo da nação portuguesa e das suas Forças Armadas, devem pois, conjuntamente com a comemoração do nascimento da Liga dos Combatentes serem evocados como momentos de regozijo.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional

Em nome de todos os combatentes que aqui represento e do meu próprio como seu Presidente, agradeço a imediata disponibilidade de V.ª Ex.ª para presidir a esta cerimónia, de grande significado para todos nós. Fá-lo pela primeira vez.

Permita pois que publicamente lhe transmita, em momento difícil da vida do país, os nossos sinceros votos das maiores felicidades no cumprimento de tão complexa missão em proveito das Forças Armadas, dos Combatentes e de Portugal. A presença de V.ª Ex.ª testemunha a atenção e respeito do governo para com os combatentes em geral e para com a Liga dos Combatentes em particular.

Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas

Exmo. senhor Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional,

Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado-maior da Armada

Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior da Força Aérea

Exmo. Senhor General Vice-chefe de Estado-maior do Exército

Exmo. Senhor General Chefe da Casa Militar de Sua Ex.ª o Presidente da República

Exmo. Senhor General Presidente das Ordens honoríficas Militares

A Liga dos Combatentes agradece a presença de V.^{as} Ex.^{as} e a permanente compreensão e apoio que lhes concedem.

Exmo. Senhor General Comandante da Guarda Nacional Republicana

Os nossos agradecimentos por de imediato ter aceitado o nosso convite para aqui proferir uma alocução referente ao combatente da GNR e a sua participação nas operações de paz e humanitárias.

A sua participação é uma feliz demonstração pública da abrangência das nossas instituições e do interesse mútuo que temos em alargarmos ainda mais, aos militares da GNR, a sua ligação à Liga dos Combatentes.

Exmos Senhores Deputado Membro da Comissão de Defesa da Assembleia da República

Exmos Senhores Embaixadores da Hungria e da Ucrânia

Exmo. Senhor Almirante Presidente do Conselho Supremo e Membros do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes

Exmos. Senhores Almirantes, Generais

Exma. Senhora Secretária Geral do MDN, Senhor Inspector Geral e Directores Gerais

Exmos. Senhores Adidos de Defesa de países amigos

Exmas. Autoridades civis, militares e religiosas

Senhores Presidentes de Associações Nacionais e Estrangeiras presentes

Senhores Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

Caros Combatentes

Hoje, em termos europeus, evoca-se por toda a Europa o dia que marcou o fim do confronto a que pela primeira vez na história, se chamou de Grande Guerra Mundial. A Liga dos Combatentes evoca-o, como sempre, com cerimónias locais em todo o país e nesta cerimónia de nível nacional. Já hoje estivemos no Monumento aos mortos da Grande Guerra na Avenida da Liberdade colocando uma coroa de flores. Estaremos nas cerimónias a realizar na embaixada de França e da embaixada do Reino Unido, como sempre o fizemos, evocando este esforço comum europeu na defesa da sua liberdade.

Pelo segundo ano consecutivo a Liga dos Combatentes evoca o fim da guerra do ultramar. Decidiu tomar essa iniciativa pela primeira vez no ano transacto. Entendemos que os momentos em que se consegue a Paz, por mais dramáticas que sejam as condições em que se obtenha, são momentos históricos que merecem não ser esquecidos, tanto pelos que sofreram a guerra, como pelos vindouros.

A obtenção da paz arrasta consigo sempre o rescaldo dramático das suas consequências. Os combatentes e os seus problemas são normalmente passados para segundo plano face a outras preocupações. Os combatentes têm assim que se organizar normalmente para tentar apoiar os que mais sofrem ou sofreram e colmatar lacunas do estado.

Assim nasceu e se mantém e manterá a Liga dos Combatentes. Logo nas intenções dos seus fundadores em 1919, sem resultados, para em 1921 se instituir uma comissão constituinte que só em 16 de Outubro de 1923 conseguiria em reunião solene, materializar a sua criação, a qual seria oficializada em 1924. A data de 16 de Outubro de 1923 passou assim a ser considerada como o dia da fundação da Liga dos Combatentes.

Há três anos a esta parte que o comemoramos publicamente nesta data e a esta hora do dia, em conjugação com o 11 de Novembro, garantindo a maior dignidade às cerimónias e por razões de economia de meios quer para a Liga dos Combatentes, evitando mesmo o almoço que normalmente se lhe seguia, quer para os meios a disponibilizar pelas Forças Armadas reduzindo, o número de cerimónias com a sua participação direta. Somos a instituição no país que ao longo dos anos vem publicamente organizando uma cerimónia evocativa do fim da IGG.

Somos a instituição que em cerimónia pública iniciou o ano passado a evocação do fim da guerra do ultramar. Dois acontecimentos que estão directamente ligados à nossa própria razão de existência e que por isso se casam bem com a evocação do nosso próprio nascimento. Mas não falamos apenas em nome da Liga dos Combatentes. Fazemo-lo também em honra daquelas instituições que em determinada altura das suas vidas decidiram entregar à Liga dos Combatentes o seu património material e imaterial. Recordamos a Junta Patriótica do Norte, a Cruzada das Mulheres Portuguesas, a Comissão dos Padrões da Grande Guerra, A Associação dos Mutilados da Grande Guerra, o Movimento Nacional Feminino.

Esta abertura da Liga dos Combatentes continua hoje válida e é com satisfação que verificamos juntarem-se a nós como Núcleos da Liga outras associações, como a Associação dos Combatentes de Marco de Canavezes, a Associação dos Combatentes de Arouca, a Associação Franco Portuguesa de Richebourg, a Associação dos Combatentes de Winnipeg, a Associação dos Combatentes de Toronto e do Quebeque.

É com esse espírito de abertura e apoio que temos alojado na nossa própria sede, a Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra. Foi com igual espírito que aceitámos, com o apoio de todas as Associações, dirigir o último Congresso de

Combatentes e a cerimónia evocativa do início da guerra no ultramar, no passado dia 15 de Março, neste mesmo local, sob a Presidência de Sua Ex.^ª o Presidente da Republica, evocando o esforço da Nação Portuguesa e das suas Forças Armadas naquele conflito.

Este é o nosso espírito solidário e desejo de união de todos os combatentes, no respeito da independência e do direito à associação livre, mas com o desejo de que o movimento associativo dos combatentes seja um movimento sã, sem dispersão de esforços que os dividam e enfraqueçam, sem protagonismos escusados, mas que defenda os direitos dos combatentes e, os oriente no cumprimento dos seus deveres.

No ano em que se perfazem 50 anos sobre o início da guerra do ultramar em África, bem com 50 anos sobre a invasão e queda da Índia Portuguesa, queremos mais uma vez prestar a nossa justa homenagem a todos os que sofreram as vicissitudes da guerra. Os que tiveram que a fazer e conduzir e os que tiveram que sofrer as suas consequências.

Durante o ano em curso A Liga dos Combatentes continuou a sua patriótica e humanitária missão.

No âmbito do nosso Programa Estruturante Liga Solidária pusemos em funcionamento a Creche do Porto com 30 crianças planeando para breve a sua inauguração oficial.

No que se refere ao Programa Estruturante Conservação das Memórias realizámos mais duas operações em Moçambique. Terminámos o reconhecimento de todas as situações existentes, construímos um ossário no cemitério de Nampula, para onde fizemos a concentração de quatro exumações de lugares longínquos e apoiámos a trasladação para Portugal, a pedido da família, dos restos mortais de um militar morto em combate em 1970. Restabelecemos a dignidade violada do cemitério de Bissau. No continente aumentámos igualmente, com o apoio das Câmaras, o número de talhões e de ossários e continuámos a manutenção e dignificação de diversos talhões, entre os 284 espalhados pelo país, nomeadamente o Alto de S. João e a Cripta.

No Programa Estruturante Cultura Cidadania e Defesa, continuámos a garantir a dignidade de todos os monumentos aos combatentes, nomeadamente o monumento que se encontra na nossa frente. Sublinhamos o significativo número de monumentos que surgem nos mais diversos cantos do país, por diversas iniciativas, em especial no Portugal Profundo. Continuámos, com o apoio do MDN, a garantir a manutenção, segurança e conservação do Forte do Bom Sucesso e a

desenvolver O Museu do Combatente, com novos espaços com o apoio da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana e com novas exposições e com o desenvolvimento de um espaço de lazer no exterior do Forte. Exposições, convívios, conferências, eventos diversos, lançamentos de livros, desenvolvimento de um programa de cultura musical, tudo tem dado e continuará a dar vida a este espaço.

Quando olhamos para trás sentimos ser um trabalho que nos honra e nos orgulha, dignifica a Liga dos Combatentes, os Combatentes, a área histórica envolvente e o país.

Ainda neste programa temos vindo dentro das nossas possibilidades a melhorar as condições do Paiol do Funchal, com o apoio da Câmara Municipal local. As condições permitirão em breve que para ali seja transferida a sede do Núcleo.

É de mencionar igualmente a actividade cultural e editorial, nomeadamente a Tertúlia Fim do Império, coordenada pelo Núcleo de Oeiras e de que resultou já a publicação de seis livros a que chamámos “Coleção Fim do Império”.

Na pluralidade de uma organização complexa e em expansão, aumentámos este ano, novamente, o número de núcleos aproximando-nos dos cem Núcleos, cobrindo todo o país e fundamentalmente o Portugal profundo e alguns no estrangeiro, geridos por 516 dirigentes voluntários, aumentando igualmente o número de membros da Liga dos Combatentes, com 2500 novos sócios, não obstante os 500 mortos anuais que, em média, sofremos.

Teremos a honra de entregar hoje a sua Ex.^ª o Ministro da Defesa Nacional o seu cartão como Membro da Liga dos Combatentes, com o N.º 166.444 e a sua Ex.^ª o Secretário de Estado Adjunto da Defesa Nacional com o N.º 166445. Continuámos o desenvolvimento do Programa Estruturante Inovação e Modernização. No corrente ano estamos terminando a digitalização do arquivo histórico da Liga após protocolo estabelecido com a Torre do Tombo. Colocámos mais um painel de células foto - voltaicas, a custo zero, agora no Forte do Bom Sucesso.

A Liga dos Combatentes tem em desenvolvimento, com vários parceiros, estudos para o estabelecimento de protocolos no âmbito das energias renováveis com os nossos núcleos espalhados pelo país, desejando poder receber o apoio para a sua extensão ao Ministério da Defesa Nacional, Marinha, Exército e Força Aérea.

O nosso esforço de abertura ao exterior e procura de apoios tem sido constante, quer ao nível da Direcção Central quer nas Direcções dos Núcleos, a quem neste

momento aproveito para louvar o esforço hercúleo e quantas vezes solitário, dessas cinco centenas de dirigentes espalhados pelo país e pelo estrangeiro.

O Programa Estratégico e Estruturante Cuidados de Saúde na sua tripla função de formação/investigação, cuidados de saúde, física e mental e apoio à inclusão social, sentiu no ano corrente o que são as necessidades reais dos combatentes e famílias mais vulneráveis, as reais capacidades de uma estrutura montada pela Liga dos Combatentes, dentro da sua finalidade primária de apoio, por impulsionamento do MDN, dada a falta de resposta do estado, diga-se Ministério da Saúde, e a confrangedora disponibilidade de meios conseguidos para fazer face a tais necessidades.

Nos dois primeiros quadrimestres do ano, dos 4500 actos previstos vimo-nos obrigados a cancelar 1800. As solicitações e os problemas existem, conhecemo-los e queremos e temos que ajudar a resolvê-los.

A Liga dos Combatentes não se pode transformar numa nova Rede Nacional de Apoio inoperante. Não podemos colocar em hibernação os combatentes doentes física ou mentalmente e os excluídos da sociedade. Nem tempo teriam para acordar da hibernação. Aqueles que diariamente, com a sua força e determinação, voluntariamente lutam pela solidariedade e apoio mútuo para com os mais desfavorecidos da saúde e da vida, acordariam frustrados.

Estamos conscientes das dificuldades que o país atravessa. Mas é também momento, em tempo de crise e de dificuldades acrescidas para que o Ministério da Saúde e o Ministério da Segurança Social, em que se fazem profundos estudos de situação, fazerem um balanço dos apoios que os seus antecessores e antecessores dos seus antecessores, em períodos de não crise, atribuíram, neste âmbito da saúde e apoio à terceira idade, à Liga do Combatentes. Para lhes facilitar o trabalho eu direi aos responsáveis de hoje, que não disponibilizaram um euro. O MDN apoiou, mas dadas as necessidades existentes de forma que se revelou insuficiente.

Estas áreas, do apoio à saúde e à terceira idade, incluído no nosso programa Liga Solidária, constituem o núcleo duro das preocupações da Liga dos Combatentes.

Finalmente o Programa Passagem do Testemunho está em desenvolvimento. Elaborámos o Plano. Distribuímo-lo. Solicitámos o apoio aos receptores do mesmo. Queremos resultados iguais ou semelhantes aos conseguidos pelos que nos passaram o testemunho a nós combatentes do ultramar. Temos a satisfação de já hoje termos núcleos dirigidos por antigos combatentes da Bósnia, do Kosovo e outros lugares onde os combatentes de hoje cumprem missões ao serviço de Portugal.

Somos uma instituição aberta e lutamos pela nossa perenidade ansiando mesmo que ela seja garantida pelos nossos netos. Seria sinal de que a Paz em Portugal, se prolongaria muito para além do natural.

Senhor Ministro da defesa Nacional

Minhas Senhoras e meus Senhores

Termino, afirmando que estes cidadãos a que me venho referindo, iguais em direitos e deveres a qualquer cidadão, nos estritos termos da Declaração dos Direitos do Homem, foram pelo Estado escolhidos para, em dado momento, defenderem os seus superiores interesses, da sua soberania, da sua integridade e a defesa das suas populações.

A partir desse momento esses cidadãos a quem a determinada altura da vida, vestiram a farda das Forças Armadas portuguesas, esses cidadãos combatentes, assumiram com o risco da própria vida, deveres não exigidos ao cidadão comum. O Estado tornou-os diferentes dos outros cidadãos, para a vida inteira, em deveres.

Cumpra ao Estado, quando necessário, garantir-lhes alguns direitos, mesmo que para além dos atribuídos ao cidadão comum. Tal como não foram comuns os deveres que cumpriram, alguns com o sacrifício da própria vida. Ajudámos Portugal combatendo, a ultrapassar a guerra.

Portugal pode contar connosco para continuar a combater por Portugal, com os nossos próprios meios para ajudar Portugal a ultrapassar momentos difíceis por que passa em tempo de Paz, na linha da honestidade, da clareza e do trabalho. As Guerras ganham-se e perdem-se. Ganham normalmente as estratégias arrojadas e bem apoiadas. As crises ultrapassam-se. Mas é fundamental manter as crises dentro dos seus próprios limites.

Dentro desses limites admite-se a indignação. Fora desses limites diz-nos a própria teoria das crises, que há conflito armado, há revolução. Quem apelida as crises que vivemos de guerra, económica, financeira e social, esquece o que são os horrores da guerra.

Lutemos pois, com todas as nossas forças, para estabelecer um conceito estratégico de acção a nível nacional e de acção europeia que consiga manter a crise multifacetada que vivemos, dentro dos seus próprios limites. Podemos estar num período de mudança histórica no mundo ocidental. Descubramos, para além do horizonte, o Norte para essa mudança, ainda que em situação de crise, mas nunca fora dos seus limites. Os combatentes, ao terem que suportar situações anómalas, são os primeiros a preferir a resolução das crises, a terem que enfrentar situações de guerra.

Vivam pois, a união de esforços e a coesão dos portugueses para a contenção e solução da crise que atravessamos. Como Instituição patriótica e humanitária que somos, queremos para isso contribuir. Vivam os Combatentes por Portugal, Viva Portugal.

Lisboa 11 de Novembro de 2011

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues